

## Editorial: Escrita acadêmica é mais do que um passo de cada vez, tem que esvaziar a cabeça

Recentemente, me deparei com um texto de Duncan J. Watts cujo título enigmático me chamou a atenção: *Five Feet at a Time* (Watts, 2022). Mais do que a curiosidade pelo título, a relevância que a obra do autor teve no desenvolvimento da minha trajetória acadêmica com a sua ideia de mundos pequenos (Watts, 2004), que impactou diretamente o teor da minha dissertação de mestrado (Rossoni, 2006) e de alguns dos meus primeiros textos (ex. Rossoni & Guarido Filho, 2009), fez com que eu o lesse. Foi um texto que me tocou. Tanto que o incorporei como fonte para redigir esse editorial. Não sei se devido as consequências da pandemia no cotidiano do meu trabalho ou por causa do momento pessoal que vivo, cujas escolhas entre família, trabalho remunerado e pesquisa acadêmica vêm me afligindo.

Fato é que a analogia que o autor usa do trabalho acadêmico com o ato de se escalar uma montanha, destacando as dificuldades e o desânimo no processo, me causaram o desconforto necessário para rever meu processo de trabalho, não somente intelectual, mas como um topo.

Nos momentos de desânimo, o autor sugere que se deve subir “cinco pés de cada vez” (rememorando o alpinista Royal Robbins), que em português brasileiro soaria como “um passo de cada vez”. Juntamente com tal dica, ele aponta no texto outras quatro a respeito da escrita acadêmica, que reproduzimos neste editorial (Watts, 2022): 1) Simplesmente escreva; 2) Corte o texto sem dó; 3) Crie blocos de ideias; 4) Busque a opinião dos outros; 5) Dê um passo de cada vez. No entanto, além de incorporar a minha própria interpretação de cada uma delas, adiciono uma sexta: esvazie a sua cabeça.

Essa última dica talvez tenha um apelo maior para o típico professor brasileiro que atua na pós-graduação. Como um professor bombril (Alcadipani, 2005), um “pau pra toda obra”, precisa lidar com múltiplas atividades, tais como funções administrativas e executivas, docência, execução de projetos, ler, estudar, pesquisar e publicar, sem contar na recorrente necessidade de complementar a renda. Mas antes de detalhar tal dica, como disse, resgato as originalmente oferecidas por Watts (2022).

### 1. **Simplesmente escreva**

O autor aponta como primeira dica algo que parece trivial, mas é extremamente desafiador: sentar-se e escrever. Num passado que eu não vivenciei, as pessoas escreviam em máquinas de escrever, sem grandes distrações a não ser analisar o ritmo das teclas ou o desgaste da fita de tinta. Mas em computadores ligados na internet com múltiplas alternativas de entretenimento, que nos levam à distração e a procrastinação, um simples texto pode levar muitas mais horas do que precisaria para ser escrito. Então, em relação a esse aspecto, Watts pontua muito claramente que as pessoas devam reservar um tempo em que não vão fazer nada além de escrever.

Luciano Rossoni ,  
Editor da RECADM  
Universidade de Brasília, Brasil  
[lrossoni@gmail.com](mailto:lrossoni@gmail.com)

Em princípio, não importa se seja uma hora por dia, pela manhã ou pela madrugada, desde que se transforme em rotina. Eu particularmente gosto de escrever sempre no mesmo espaço (um escritório adaptado no quarto do meu filho), o que pode ser um complicador para algumas pessoas que estão em vários locais no decorrer do dia. Prefiro também iniciar pela manhã e retomando sempre no fim de noite, varando a madrugada, se possível. Isso varia de pessoa para pessoa. Mas o importante, nesse aspecto, é evitar as demais distrações: tranque a porta, desligue o celular, desconecte a internet. Ou seja, desarme tudo aquilo que transforma a vida contemporânea numa constante interrupção. Provavelmente, no início você se sentirá não tão produtivo, tentando a substituir essa atividade por outras mais urgentes, mas com o tempo você conseguirá ganhar ritmo e constância na escrita.

Obviamente que planejar o momento da escrita não é suficiente, então conseqüentemente o autor pontua que naquela hora mais desesperadora que se tem uma tela em branco no Word, cujas ideias ainda estejam desconexas, o melhor a se fazer é escrever, escrever e escrever. Tal dica é importante porque há uma tendência de acadêmicos serem perfeccionistas, especialmente os mais eruditos e experientes, em que a escrita vira quase um ato de mutilação. E é exatamente por isso que escrever, independentemente da qualidade de que os primeiros trechos se manifestem, deve iniciar por um ato de execução. Depois que feito, ele pode ser refeito, e refeito, e refeito. Afinal, não é possível revisar e corrigir tela em branco.

No meu caso em particular, eu sempre reescrevia um parágrafo diversas vezes antes de iniciar o próximo. Nunca admitia para mim que um parágrafo tivesse início sem que o outro estivesse pronto, o que me fazia travar várias vezes e sofrer um bocado com a ausência do desenvolvimento das ideias e, conseqüentemente, do texto. No entanto, depois de ler o livro Segredos e Truques da Pesquisa, de Howard S. Becker (2007), não somente consegui identificar que tecnicamente essa era uma estratégia ruim, mas também quais eram as condições sociais que levam a grande maioria de estudantes e pesquisadores a ter problemas ao escrever.

Becker (2007) brilhantemente apontou que essas dificuldades decorrem do receio que temos de expor os nossos textos por medo de sermos supostamente ridicularizados. Como agentes inteligentes que somos, nós antecipamos tais situações de exposição para o momento da produção do texto, independentemente de a produção textual ser um momento de isolamento. Eu, por exemplo, criava uma espécie de alter ego, representado por pesquisadores que eu respeitava, criticando-me a todo momento. Ocorre que essas pessoas não estavam ali, o texto não estava pronto e não havia qualquer razão objetiva para se envergonhar. Por isso uma das dicas mais preciosas que Becker (2007) e Watts (2022) têm a dar nessa situação é escrever as primeiras impressões, especialmente em momentos de angústia, o mais rápido e brevemente possível. Caso o autor empaque ou tenha dificuldade em um tópico em particular, ignore-o temporariamente e siga em frente. Em suma, permita-se a fazer rascunhos e, especialmente, rabiscos.

Tanto que os textos mais brilhantes, os poemas mais belos e os sonetos mais profundos não eram exatamente tão bons assim no início. Exemplo disso é o poema “A Casa” sonorizado por Toquinho e Vinicius de Moraes. Para os que conhecem a perfeição do poema, que reside na simplicidade de conteúdo e forma, nota-se que seus esboços iniciais, especialmente o primeiro, que se apresenta na Figura 1 da esquerda, havia várias estrofes ainda não desenvolvidas, de forma que a perfeição do poema ainda estava longe de se atingir. Nitidamente era um produto inacabado. Sabe-se lá quantas versões depois, observa-se, na figura da direita, o texto definitivo em português, complementado por uma tentativa de versão em espanhol. A lição que fica é que as obras mais belas e as pesquisas mais brilhantes um dia foram um rabisco e é por ele que tudo começa.

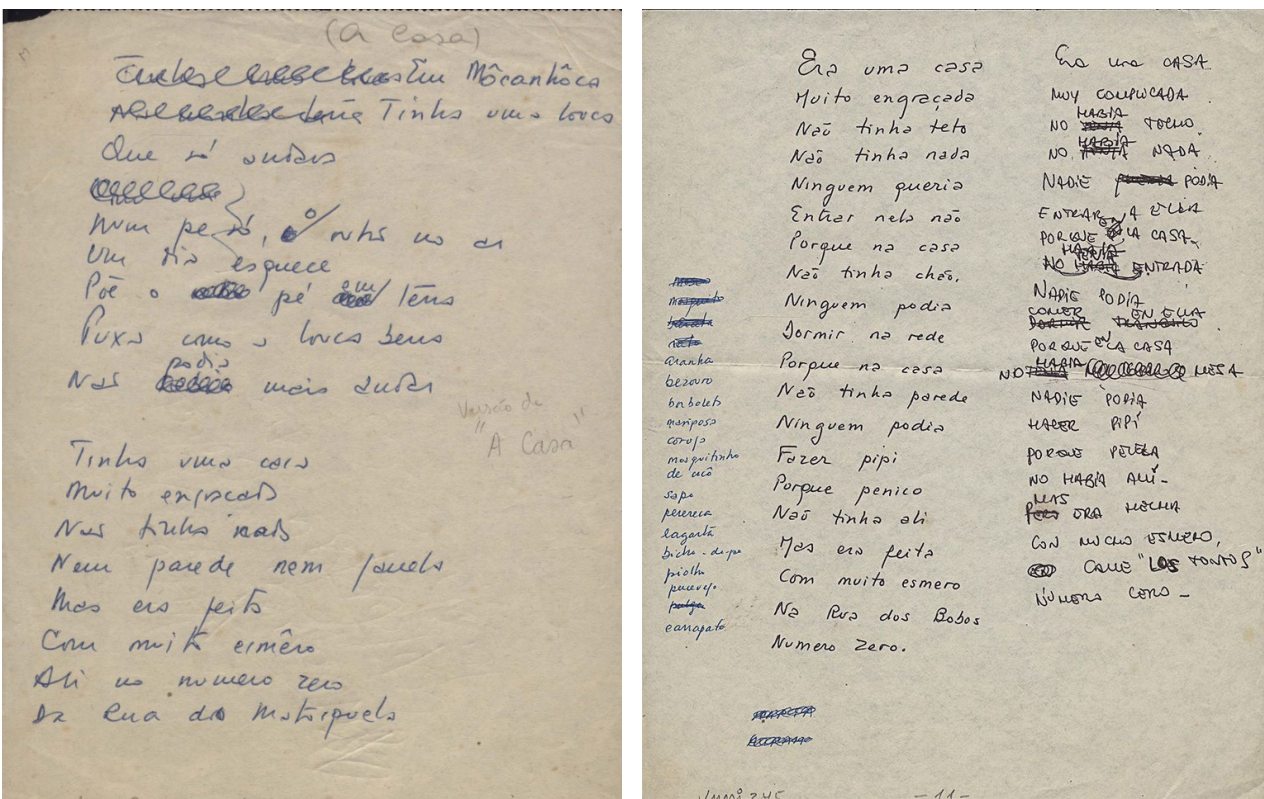


Figura 1: Duas versões prévias do poema A Casa, de Vinicius de Moraes (data desconhecida).

Fonte: Acervo Digital Vinicius de Moraes; Direitos reservados. Link das figuras: [esquerda](#); [direita](#). Capturado em 01 de Maio de 2022.

## 2. Corte o texto sem dó

Lembro que na última vez que lecionei seminários de tese, uma das minhas primeiras falas para os estudantes é de que todo aluno de doutorado é **acumulador**: tudo que ele pensa, escreve e produz vai para dentro da tese de forma que ninguém consegue remover, mesmo que parte seja, no bom sentido, lixo. Similarmente ao que ocorre com aquelas pessoas que acumulam vários objetos dentro de casa, o que é retratado em algum desses *reality* exibidos em canais de documentários, as pessoas perdem

a capacidade de discernir o que tem valor do que não tem. Isso ocorre simplesmente porque aquilo é tido como de posse da pessoa, ao ponto de ela ter a qualidade de vida totalmente comprometida, com risco à saúde às vezes, sem muito se importar.

Esse sentimento de apego é muito comum aos doutorandos porque eles dedicaram muitas horas de trabalho, sem contar no desgaste emocional que é escrever a peça mais importante da vida de todo acadêmico, que é a tese. Todavia, nas idas e vindas das ideias, é muito comum escrever trechos totalmente irrelevantes ou superficiais para o propósito do trabalho. E não é que ele seja inútil para a tese que o doutorando se convence que ele deva ser descartado.

Por isso eu sugeria aos estudantes criar uma espécie de “arquivo morto”, em que tudo aquilo que deveria ser cortado, em nome do propósito e da objetividade da tese, fosse para lá. Com isso, os estudantes ficariam menos relutantes em remover tais trechos, pois não sentiriam que estavam jogando algo “valioso” fora. Essa espécie de arquivo morto, ou corte, na versão do texto de Watts (2022), é um ótimo recurso para qualquer autor, pois tudo aquilo que foi descartado para um trabalho específico pode ser útil para outro. Além disso, pode aliviar a tensão, já que reduz o sentimento de perda. Ademais, pode diminuir a resistência em compartilhar o texto para críticas de terceiros, já que esses sempre acabam sugerindo cortes.

Mas por que cortar seria tão importante para o texto? Porque no mundo acadêmico, e não somente nele, o contexto de produção é diferente do contexto do consumo. O texto acadêmico é escrito para ser lido ou consumido de forma objetiva, algo totalmente diferente do seu contexto de produção, que é ambíguo e até contraditório, pois as ideias ainda estão criando forma. Assim, em nome da clareza da comunicação, obviamente os devaneios dos autores perdem espaço na escrita em nome da fluidez, cujos cortes, reescrita e revisões são parte fundamental do processo.

### **3. Crie blocos de ideias**

Apesar dos textos serem produtos normalmente consumidos de forma linear, suas partes não são escritas linearmente. Por exemplo, todo mundo sabe, ou deveria saber, que a introdução é a última parte a ser escrita. Isso não significa que os autores não devam rabiscar as ideias introdutórias. Pelo contrário, eles deveriam incorporar blocos de ideias tanto na introdução, como nas demais partes do texto.

Deve-se considerar também que um artigo surge como um esquema paralelo de ideias, conectado de forma complexa, cuja imagem mental ainda não é traduzida discursivamente. No processo de materialização dessa imagem mental em texto, alguns elementos se tornam mais salientes para o autor, por isso a importância de abrir vários blocos ou seções para que essas partes sejam desenvolvidas.

No meu processo de redação, eu abro minimamente blocos que remetem às seções do artigo, que são desdobrados em blocos cada vez mais específicos quando a ideia vai ganhando forma. Por exemplo, ao fazer a



revisão da literatura sobre um conceito, além de criar um bloco para cada um deles, eu reproduzo um bloco para os aspectos analíticos e metodológicos, que se desdobram em categorias analíticas ou instrumentos. Tanto que em muitos casos a redação final da operacionalização das variáveis fica pronta antes da redação final dos argumentos teóricos.

Obviamente que muitos desses blocos são revistos, ou até excluídos, pois há uma constante checagem e rechechagem do texto em relação as suas partes, na intenção de se buscar fluidez do texto e consistência interna das ideias. O que importa é que eles auxiliam no processo de desenvolvimento do texto, sendo fundamentais, inclusive, para dar vazão às duas dicas anteriores, no auxílio de se fluir na escrita e de cortar aquilo que for desnecessário.

Deve-se considerar também que a criação de tais blocos ajuda na organização coletiva, especialmente em trabalhos de coautoria. Nesse processo, algumas ideias rudimentares podem ser o ponto de partida para que colegas com outras visões possam enriquecer o texto. Além disso, durante a coleta de críticas e da revisão por pares, tais blocos auxiliam na correção de pontos críticos, ou até mesmo sinalizam quais os próximos passos deverão ser dados.

Um exemplo interessante de diálogo com o público que os blocos podem proporcionar é o esboço de 1973 do livro “[O Homem Parentérico de Guerreiro Ramos](#)”, que acabou sendo publicado com o nome “A Nova Ciência das Organizações”, em 1981 (Ramos, Heidemann, & Azevedo, 2020). Como bem levantado pelos tradutores do texto, Heidemann e Azevedo, o esboço foi anexado a uma carta ao filósofo Eric Voegelin, mas provavelmente foi enviado para algum editor antes. Por ser um esboço, obviamente os capítulos não estão desenvolvidos, mas já se percebe toda a profundidade de Guerreiro Ramos em sintetizar suas ideias de forma tão brilhante ao apontar que as organizações só poderiam ser teoricamente compreendidas caso a concepção de homem fosse revisada. Como dito pelos tradutores, esse livro foi rejeitado quatorze vezes por diferentes editores. Passadas mais de quatro décadas da publicação da primeira versão do livro, hoje não resta dúvida que Guerreiro Ramos estava muito à frente do seu tempo no que se refere à teoria organizacional, daí a razão da incompreensão por parte de editores de livros de negócios.

Pode-se soar estranho o uso de um texto que fora rejeitado 14 vezes, como exemplo, mas ele deixa duas lições. A primeira é que os autores não devem desistir de suas ideias, pois é fato que algumas podem ser incompreendidas por estarem à frente do seu tempo. O que é totalmente diferente de não serem legíveis por inconsistência semântica ou incoerência lógica, algo que os blocos ajudam a dirimir. A segunda, também pontuada por Watts (2022), é que a versão final de um texto pode ser totalmente diferente depois das diversas rodadas de críticas e sugestões, daí a importância de se criar estratégias mais efetivas de comunicação das ideias.

#### 4. Busque a opinião dos outros

Receber críticas é sempre algo doloroso e desconfortável. Especialmente em relações de submissão com revisores e editores em processos de avaliação de periódicos. Tanto que, apesar das evidências em contrário (Peterson, 2020), existem várias histórias acerca do quanto destrutivo e crítico normalmente é um revisor, especialmente o de número 2. Watts (2022) inclusive destaca muito bem que existe uma série de piadas acerca do papel do revisor número 2. Ao ponto de haver até no Facebook grupos com quase cem mil membros cujo nome é [Reviewer 2 Must Be Stopped!](#) Em tal grupo, o que mais há são memes relatando os problemas em lidar com o revisor (ou revisora) número 2, como o da Figura 2.



Figura 2: Meme sobre o papel do revisor número 2 na rejeição de artigos. Fonte: [Grupo do Facebook Reviewer 2 Must Be Stopped!](#) Capturado em 01 de Maio de 2022.

Contudo, apesar das piadas acerca do papel do revisor número 2, e da dor das críticas, é inegável o quanto a revisão imparcial e aberta é relevante para o desenvolvimento do texto. Em todas as vezes que eu busquei opinião de alguém em relação a algum texto meu, mesmo que informalmente, as críticas fizeram que o texto amadurecesse, e que eu crescesse como acadêmico e pesquisador.

Em primeiro lugar, a postura de um outro revisor sempre é diferente da do autor. Os autores se colocam na posição de preencher as incoerências do texto com a informação já presente em suas mentes. Os revisores, até porque não compartilham da mesma informação, são incapazes de fazer isso, destacando lacunas importantes. E isso pode ser feito por revisores com diferentes graus de conhecimento sobre o tema, desde que tenham um mínimo de traquejo sobre escrita acadêmica.

Em segundo lugar, como o revisor não tem o compromisso com a aceitação dos argumentos, ele normalmente consegue ser muito mais crítico acerca das deficiências de exposição de ideias ou dos vieses de inferência a partir dos dados, fazendo com que sejamos mais humildes acerca da amplitude das afirmações que fazemos no texto. Ou seja, o revisor ainda precisa ser convencido do valor do texto, o que por si só faz com que ele tenha uma interpretação descompromissada dos argumentos.

Por fim, o revisor também atua como um ser reflexivo do autor. Ao se confrontar com a interpretação do outro sobre algo que é de nossa propriedade, isso não somente ajuda a transformar o texto, mas também o próprio autor. Afinal, oferecer um texto para alguém, mesmo que seja de forma anônima, é mais do que se mostrar para o outro: é, principalmente, uma tentativa de se enxergar. E tal reflexividade só é possível no contexto acadêmico quando expomos nossas ideias. Em suma, esse é um processo altamente enriquecedor, em que a principal sugestão é que os autores busquem pessoas para criticar o texto. Por isso, faça *drafts* ou versões prévias do texto e faça ele circular.

### **5. Um passo de cada vez**

Por mais inteligentes que sejamos, nós sempre superestimamos as chances de concluir um texto dentro do prazo. Isso porque qualquer projeto, incluindo-se a construção de um artigo acadêmico, é um evento de natureza conjuntiva (Bazerman & Moore, 2014), ou seja, a sua conclusão depende do término de todos os eventos antecedentes. Consequentemente, as chances de dar algo errado em qualquer uma das etapas é muito grande. Isso leva a atrasos, ocasionando a frustração e o desânimo de quem é responsável por tal atividade, culminando, em muitas situações, na desistência de um projeto.

Comigo isso acontece especialmente nos projetos que eu vejo como mais promissores. Talvez porque as expectativas são mais altas, falhas e atrasos no desenvolvimento das minhas pesquisas efetivamente me deixam mal, sentindo-me muitas vezes incompetente. Por isso quando Watts (2022) apontou que em algumas de suas pesquisas ele teve o mesmo sentimento, vi que isso não é um problema de natureza particular, mas algo inerente à carreira de qualquer pesquisador que busca ir além dos seus limites.

Como Watts (2022) é um alpinista amador, ele usou a analogia de se subir cinco pés de cada vez. Algo similar é incorporado inclusive no slogan da Nike: simplesmente faça. E apesar da simplicidade de tal mensagem, ela é extremamente poderosa para quem trabalha com projetos longevos e

complicados de concluir. Assim, se está difícil de se ver uma luz no fim do túnel, dê um passo de cada vez. No caso da escrita, sente-se na cadeira e simplesmente escreva.

Confesso que num primeiro momento eu achei essa dica extremamente vazia. No entanto, como recorrentemente me envolvo em projetos ambiciosos que demandam muito tempo e trabalho, desesperando-me, frustrando-me recorrentemente, rememorei que todas as vezes que eu simplesmente me sentava e escrevia, as coisas fluíam, mesmo que devagar, deixando-me menos ansioso. E dando um passo de cada vez, a coisa se concretizava.

Inclusive, depois que comecei a fazer isso, me sentia menos culpado em parar quando estava desenvolvendo bem no texto. Normalmente, as pessoas param quando vão mal. Li em algum lugar, que não me lembro mais qual, que uma boa estratégia é parar quando se vai bem, pois a retomada é menos frustrante, já que a última experiência foi boa. Como as minhas horas de parar a escrita são muito mais determinadas pelos outros afazeres do que pelo como estou me sentindo escrevendo, a dica de simplesmente sentar e escrever um “parágrafo de cada vez” ganha ainda mais peso, pois ignoro momentaneamente como foi a última experiência na escrita. Por isso, na dúvida do que fazer a respeito de um texto, escreva.

## **6. Esvazie a sua cabeça**

Talvez por viés de confirmação, Watts (2022) ignora a primeira dica de Royal Robbins: esqueça o que se está fazendo e prossiga. Paradoxalmente, escrever é um exercício de foco em que, quando se está demasiadamente preocupado com o fim, perde-se toda a concentração. Então nessas horas pensar no resultado da obra leva muito mais à angústia do que à ação. Mais ainda, no cotidiano do típico pesquisador brasileiro, tudo conspira contra a atividade da escrita. Valoriza-se a publicação, não o argumento. Preza-se pela polivalência, não pela concentração. Premia-se a eloquência, não a profundidade. Sem contar na tumultuada rotina de conciliar a vida em cidades brasileiras de forma que a esfera familiar não seja atropelada pela atividade profissional.

Confesso que toda vez que me sento para escrever, além da preocupação de estar com o texto pronto, penso em todas as outras demandas que tenho, o que me remete sempre ao desejo de fuga, de evitar confrontar o texto. Todas as angústias e incertezas surgem nessa hora, tornando-me, muitas vezes, inseguro de tudo. Daí lembro de um conselho de um velho amigo: cabeça é igual a um paraquedas: só funciona se estiver aberta.

Dito de outra forma, a fala desse amigo remete ao que sugiro: esvazie a sua cabeça. Desvie o pensamento, esqueça o cotidiano, tranque-se em um quarto se for possível e esvaeça. O que importa é se deparar com o texto e consumi-lo como se fosse um prato de comida servido em casa. Coma-o sem se preocupar com o tempo, com quem está vendo, nem se ele será suficiente. Simplesmente alimente-se das ideias como se essas fossem a única coisa disponível.



Escrever é um ato de sanidade mental: seja para expressar a loucura, seja para afastá-la. E quando aqueles que têm como ofício o ato de escrever não o realizam, normalmente padecem. Tanto que não é nem um pouco raro ver colegas muito produtivos enfrentando problemas como síndrome de Burnout e síndrome do impostor. Em comum entre eles está sempre o peso de quem são, todos admiráveis para mim. E é exatamente desse peso que os autores precisam se livrar. Não do peso de ser, mas do papel que exercem. Portanto, esqueçam momentaneamente a posição que estão, esvaziem a sua cabeça e sigam em frente.

## Coda

Eu precisei de todas essas seis dicas para escrever este editorial: esvaziei a minha cabeça e segui as outras cinco dicas.

## Nesta Edição

Considero essa edição como uma das mais ecléticas já publicadas sob a minha editoria. Os textos versam sobre diversos temas, cuja qualidade e profundidade se destacam do primeiro ao sétimo artigo. Mas há algo em comum entre eles: o desejo de se fazer justiça a ideias e grupos que não têm o devido reconhecimento. Desde o primeiro artigo, que rechaça o processo não reflexivo de revisão da literatura, até os demais, que denunciam as más condições de vida de trabalhadores negros, mulheres, ou em situação desigual, como qualquer sujeito em relação trabalhista, a tônica é desafiar academicamente paradigmas e o *status quo*. Algo que vai ao encontro dos princípios acadêmicos da RECADM, que é produzir ciência cujo conhecimento seja consistentemente teórico e, ao mesmo tempo, relevante em termos práticos. Isso sim, a meu ver, é impacto científico.

Assim, no primeiro artigo desta edição, “Revisão sistemática de literatura? Depende! Limites de procedimentos quantitativos de análise de literatura na área de Administração”, Fábio Vizeu, Kamille Ramos Torres e Luan Matheus Pedrozo Kolachnek fazem uma crítica epistemológica da revisão sistemática de literatura. Segundo os autores, tal método tem sido amplamente utilizado como ferramenta pretensamente capaz de viabilizar uma acurada varredura sobre como determinado tema é tratado no campo acadêmico-científico. No entanto ele desconsidera importantes aspectos qualitativos da comunicação acadêmica, especialmente em campos tão paradigmaticamente plurais como o da Administração. Os autores argumentam que a pretensão de cobertura da convergência do pensamento científico por meio do método se dá porque ele é originado em campos positivistas e fundados sob um cânone homogêneo. Todavia, se considerarmos a polissemia e a diversidade epistemológica da pesquisa em Administração, a intenção revisional do método torna-se incompleta e/ou limitada. Por isso, os autores pleiteiam um proceder qualitativo para a sistematização da literatura de referência.

Já no segundo artigo, Carolina Guedes de Oliveira e Sergio Eduardo Pinho Velho Wanderley “Subalterno pode escrever! Uma contribuição decolonial e interseccional na obra de Carolina Maria de Jesus para os estudos organizacionais” fazem uma conexão entre as desigualdades estruturais e sociais retratadas na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada (Jesus, 1960)” e reproduzidas pelas organizações contemporâneas. Assim, por meio de entrevistas com mulheres negras profissionais de empresas multinacionais, os autores visam reconstruir a subjetividade identitária das mulheres negras. Os achados evidenciam que questões levantadas por Carolina Maria de Jesus ainda se encontram presentes nas relações sociais e na posição da mulher negra nas empresas contemporâneas.

No terceiro artigo, “O impacto da Covid-19 na transformação digital da indústria da música”, Daniela Ribas Ghezzi e Charles Kirschbaum analisam os principais impactos da pandemia COVID-19 na trajetória de transformação digital na Indústria da Música. Com base na pesquisa documental de artigos coletados entre março de 2020 e junho de 2021, sugerimos que a transformação digital poderá tomar dois ‘caminhos’ distintos. Em um caminho, espera-se que a transformação digital na indústria aumente a centralidade dos serviços de *streaming*, acompanhado de aumento na concentração na indústria. Um outro caminho inclui o surgimento de modelos de negócio que promovam maior interação direta entre músicos e fãs, aumentando a inovação e diminuindo a concentração na indústria.

O quarto artigo “Valorização das mulheres em organizações religiosas de matriz africana por meio do culto a divindades femininas”, demonstra o empenho de Renan Gomes de Moura e Elaine Barbosa da Silva em compreender como organizações religiosas de matriz africana, por meio do culto a divindades femininas, valorizam as mulheres, ressaltando quais são os impactos sociais em suas vidas. Pode-se compreender que o culto às divindades proporciona às mulheres a construção de uma identidade que busca romper com o machismo, além de colocá-las como sujeitos repletos de poderes, tanto mágicos quanto sociais e biológicos, uma vez que são a extensão das próprias divindades, bem como aquelas que controlam a vida.

No quinto artigo, “Os desafios enfrentados no desenvolvimento da carreira das mulheres de diferentes gerações”, Larissa Nardes, Shalimar Gallon e Eduardo Rech analisam os desafios das diferentes gerações de mulheres em relação ao desenvolvimento da carreira. Para isso, foi realizada uma pesquisa com abordagem multimétodos, por meio de um estudo exploratório de caráter qualitativo com 18 mulheres, e uma pesquisa *survey* com 406 mulheres. Os principais resultados mostram que as gerações mais novas têm maior percepção das barreiras na carreira das mulheres do que as gerações mais antigas, e que a geração Baby Boomers tende a perceber menos as barreiras enfrentadas pelas mulheres. Em relação aos obstáculos que a maternidade pode gerar para a evolução profissional da mulher, evidencia-se que as gerações mais novas têm maior percepção dessas barreiras do que as gerações mais antigas. Os achados dessa

pesquisa demonstram que as organizações ainda precisam amadurecer em relação às questões de gênero, desenvolvendo políticas voltadas para as mulheres.

No sexto artigo, de autoria de Layon Carlos Cezar e Alexandre Reis Rosa, intitulado “A manifestação do comércio justo em organizações sociais híbridas e suas consequências na formação da força de trabalho em cooperativas”, os autores analisam como o perfil da força de trabalho de uma cooperativa de cafeicultores certificada pelo *Fairtrade*, tem potencial para influenciar no projeto híbrido de organização. Os principais resultados apontam para a formação de um perfil influenciado pelas demandas da comunidade local, como meio para alinhar os interesses particulares ao propósito da certificação, subvertendo assim aos interesses de mercado para imprimir sua identidade e garantir a atuação de forma híbrida.

Por fim, no sétimo e último artigo desta edição, “O papel da resiliência na relação entre o estresse e a satisfação no trabalho”, Karlene Minely Nepomuceno Silva e Marcia Juliana d’Angelo examinam o efeito mediador da resiliência na relação entre o estresse laboral e a satisfação no trabalho. Por meio de um levantamento com 418 trabalhadores de empresas que atuam no Brasil, os resultados mostram que a resiliência contribui para reduzir os impactos do estresse laboral na satisfação no trabalho, indicando que o desenvolvimento e o aprimoramento da resiliência deveriam ser estimulados nas organizações. No tocante às diferenças entre os grupos dos *millennials* (até 29 anos) e dos *pós-millennials* (acima de 29 anos), as evidências mostram que os funcionários mais velhos conseguem ser mais resilientes, ou seja, lidam melhor com colegas e situações difíceis e inesperadas e aceitam os desafios que contribuam para o crescimento profissional.

Entre a primeira e segunda edição de 2022, tivemos a felicidade de retornar para as métricas do [Google Acadêmico](#), pois o sistema robotizado da gigante de informação não mais recuperava nossos indicadores após a mudança do portal OJS, que ocorreu em 2017. Não que a métrica que eles geram fosse uma obsessão para a RECADM, mas o índice *H* é o ponto de partida do novo Qualis da CAPES. Ficar de fora nos deixava vulneráveis à possíveis arbitrariedades na classificação. Encerrando esse editorial, como sempre, gostaríamos de agradecer aos autores, revisores e equipe de editoração do periódico, que contam com o apoio financeiro do IBEPES para manter a revista viva.

Uma excelente leitura,

**Luciano Rossoni**

Editor da RECADM

## Referências

- Alcadipani, R. (2005). A hiperatividade do professor Bombril. *Organizações & Sociedade*, 12(35), 161-163.
- Bazerman, M. H. & Moore, D. (2014). *Processo Decisório*. São Paulo: Campus.
- Becker, H. S. (2007). *Segredos e truques da pesquisa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Peterson, D. A. (2020). Dear reviewer 2: Go f'yourself. *Social Science Quarterly*, 101(4), 1648-1652.
- Ramos, A. G., Heidemann, F. G., & Azevedo, A. (2020). Esboço do livro O Homem Parentético (II). *Revista Brasileira de Administração Política*, 13(1), 61-64.
- Rossoni, L. (2006). *A dinâmica de relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil: uma análise institucional*. (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Rossoni, L., & Guarido Filho, E. R. (2009). Cooperação entre programas de pós-graduação em administração no Brasil: evidências estruturais em quatro áreas temáticas. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(3), 366-390.
- Watts, D. J. (2022). Five Feet at a Time. *Sociologica*, 16(1), 59-66.
- Watts, D. J. (2004). *Small worlds: the dynamics of networks between order and randomness*. Princeton, NJ: Princeton University Press.